

A IMPORTÂNCIA DA *PLANTATION* AÇUCAREIRA NO BRASIL COLONIAL

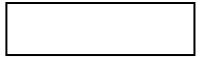
Autor: Victor Andrade da Silva

Orientador: MSc. Germano Moreira Campos

Curso: História Período: 8º Área de Pesquisa: História do Brasil

Resumo: Este trabalho visa mostrar a importância da *plantation* açucareira no Brasil colonial, descrevendo toda sua estrutura, tanto física, como cultural, desde sua origem, todo seu processo de implantação na América portuguesa, seu avanço econômico, sua influência no comércio mundial durante o século XVI até o século XVII, e os motivos que levaram ao seu declínio. Um dos motivos que levaram a implantação da produção do açúcar no Brasil, foi a necessidade de povoação do território, já que a coroa temia invasões por parte de seus rivais europeus, com a divisão desse território para donatários com bom poder aquisitivo, eles visavam a obtenção de lucro de forma rápida, E o cultivo do açúcar era visto como uma solução, já que em média, demora dois anos desde sua plantação até o período de safra. Porém não foi tão bem-sucedida de início como se esperava. Para a elaboração desse tema, foi utilizado como fonte, livros artigos produzidos por especialistas em período colonial, com o objetivo de enriquecer o conteúdo criado.

Palavras-chave: *Plantation* Açucareira; Brasil; Colonial.



Abstract: This paper aims to show the importance of sugar plantation in colonial Brazil, describing all its structure, both physical and cultural, since its origin, all its implantation process in Portuguese America, its economic advance, its influence on world trade during the 16th century to the 17th century, and the reasons that led to its decline. One of the reasons that led to the establishment of sugar production in Brazil, was the need for settlement of the territory, since the crown feared invasions by its European rivals, with the division of this territory to grantees with good purchasing power, they aimed at making a profit quickly, and sugar cultivation was seen as a solution, as it takes on average two years from planting to harvesting. But it was not as successful at first as expected. For the elaboration of this theme, it was used as source, books articles produced by specialists in colonial period, with the objective of enriching the created content.

Keywords: Sugar Plantation; Brazil; Colonial.

1. INTRODUÇÃO

A agricultura é e sempre foi essencial para a economia brasileira, e durante o período colonial do Brasil, dentre os vários ciclos econômicos que ocorreram, a maioria foi fruto do trabalho agrícola. Uma das produções mais marcantes deste período foi à produção da cana de açúcar, que teve seu auge no início do século XVI e seu declínio durante a metade do século XVII, tendo deste modo, quase cem anos de domínio. Influenciando fortemente na organização da estrutura social, formação cultural e marcando presença forte na economia, como aponta Ferreira (2015), a *plantation* açucareira foi predominante no Nordeste brasileiro durante a colônia.

Tendo grande destaque no contexto histórico, a indústria de açúcar na principal colônia portuguesa gera bastante interesse dos historiadores, sendo bastante conhecida pela área, mas poucas pessoas realmente sabem como era produzido o açúcar exportado, principalmente para o continente europeu, assim como para outras regiões do planeta. Contudo, ao se estudar sobre o tema, fica claro que a nossa agricultura colonial era muito forte, e que esta era motivada pela coroa portuguesa cujo intuito era suprir o mercado internacional, e que sem a mão de obra escrava seria improvável que ela atingisse aquele patamar. Porém, muitos se esquecem de enaltecer os trabalhadores que tanto contribuíram para essa economia, os escravos, e de destacar como era o modo de produção açucareira. Sendo assim, o presente trabalho visa responder: quais as formas de trabalho da *plantation* açucareira no Brasil colonial?

Para se chegar à resposta dessa questão será necessário analisar como funcionavam os processos para a produção do açúcar no Brasil, tendo-se como objetivos específicos: apresentar as peculiaridades da *plantation* açucareira, apontar as dificuldades enfrentadas pela mão de obra no processo de produção do açúcar e ilustrar as técnicas utilizadas para sua produção.

Tendo sua base de surgimento na Europa, como plantations escravistas em conjunto com a casa grande, esse sistema foi adotado nas colônias europeias no atlântico, na América portuguesa isso ocorreu no início com as capitanias hereditárias, onde foi fundamental para o nosso desenvolvimento agrícola, essa cultura importada da Europa era dominante no sistema açucareiro na América portuguesa, para a implantação desse sistema, segundo Marquese (2006), era preciso ter um espaço territorial em grande escala para que houvesse grande produção, a exploração dessas terras ocorria somente em um produto específico, produzido por escravos, e quando se tornava pronto para consumo, exportava-se para os grandes centros econômicos do mundo naquele período.

A tecnologia utilizada para a execução deste trabalho era fundamental para que a mão de obra funcionasse bem, muito se fala sobre a importância econômica do cultivo da cana na época em que pertencíamos a Portugal, mas pouco se conhece sobre o processo, as tecnologias, os conhecimentos, que na maior parte os negros faziam com competência, demonstrando sua grande intelectualidade desvalorizada pelo sistema cultural dos séculos passados. Esse sistema de produção agrícola, movimentava a economia do Brasil colonial, Europa, e África, onde os traficantes africanos lucravam com vendas de homens que chegavam nos navios negreiros e eram comprados por latifundiários para serem usados em suas fazendas.

Diante de uma sociedade pós-moderna e globalizada na qual vivemos, é necessário refletir sobre a prática adotada pela produção da *plantation* açucareira, explorando assim as diferenças com a produção atual, visando expandir o conhecimento, contextualizando seus avanços e suas modernidades existentes, com o passado, onde com grandes problemas, houve um expansivo comércio.

A pesquisa utilizada para o embasamento dessas reflexões, foi artigos de educadores, livros, focando em especial na plantation açucareira no período do Brasil colonial, e sua relevância histórica. Esta tese irá relacionar outros fatores que colaboraram para esta formação dessa estrutura açucareira, como o alicerce estrutural das fazendas de engenho, a relação do escravo e seus senhores, o funcionamento de toda essa estrutura, a relação com Portugal, que trouxe essas técnicas implantadas pela mão de obra negra para a América do Sul, a influência em outras poderosas nações no período colonial.

Os portugueses chegaram a utilizar os nativos para produção em larga escala da cana de açúcar, porém, pela diferença cultural, isso não deu resultado como eles esperavam, eles não obtinham as técnicas necessárias, apesar de algumas tribos terem certas habilidades no cultivo de plantações, isso não era suficiente, eles não demonstravam interesse em aprender, essa escravização dos indígenas sofrera várias mudanças no processo de colonização, com certa influência da igreja.

Era o confronto de dois povos cujos sistemas econômicos e visões de mundo não poderiam ser mais opostos. A atitude dos portugueses perante a “barbárie” dos tupinambás, um povo cuja a prática agrícola já os havia colocado no mínimo em uma fase de transição para uma cultura neolítica, exacerbava-se quando deparava com outros povos indígenas que ainda não havia atingido aquela etapa. Alguns observadores, especialmente os jesuítas, foram as vezes repórteres perspicazes da vida dos nativos.

(Schwartz,1988, p.42).

A composição étnica dos escravos africanos trazidos para cá, era muito diversa, mas diferentemente dos índios, a mão de obra era qualificada, já que eles conheciam todos os processos, a cultura capitalista de produção para comercializar seus produtos visando a obtenção de lucros era comum nas tribos africanas, diferentemente do que ocorria no novo mundo antes da chegada dos europeus. A produção de subsistência era vista como o necessário pelos índios, já os africanos, por terem sido colonizados por Portugal alguns anos antes, já tinha essa visão econômica.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Referencial Teórico

2.1.1. O surgimento da lavoura açucareira no Brasil Colonial

A plantação açucareira foi a principal atividade econômica no Brasil, durante os séculos XVI ao XVIII, criando toda uma sociedade em torno da produção do açúcar. Com seu deslocamento em direção ao Oeste, é natural que chegasse essa produção nas colônias europeias na América, sendo que, um dos principais fatores que incentivaram a produção do açúcar no Brasil durante aquele período, foi o fato de que nas colônias portuguesas, como Açores, Canárias, Cabo Verde, São Tomé e Madeira já praticavam esse cultivo do açúcar e tinha obtido muito sucesso, tanto em qualidade do açúcar, como lucro financeiro para Portugal, sendo assim, através das capitânias, a coroa esperava que acontecesse o mesmo no Brasil.

Ao contrário do que esperavam os colonizadores, poucas foram às capitânias que obtiveram sucesso, além da terra não ser necessariamente a mais benéfica para o cultivo da atividade açucareira, os conflitos com os indígenas que habitavam essas regiões ajudaram nesse insucesso. Já as terras menos propensas e apropriadas para

esse cultivo e onde os conflitos com tribos indígenas não prejudicaram os engenhos, o sucesso aconteceu, como nas regiões de Pernambuco, São Vicente, Sergipe. Segundo Schwartz (1988, p. 31) “as poucas regiões que obtiveram certo êxito devem-no a uma feliz combinação de atividade açucareira a um relacionamento razoavelmente pacífico com as tribos indígenas locais”.

Durante a formação da indústria açucareira no Brasil colonial ocorreu à tentativa de usar os índios como escravos pelos colonizadores, mas não deu certo, pelo fato de algumas tribos serem muito agressivas, e por definitivamente não fazer parte da cultura indígena esse sistema de trabalho para a obtenção de lucro, já que eles praticavam uma agricultura de subsistência. Vários engenhos foram destruídos pelas tribos mais agressivas, já os indígenas escravizados não conseguiam produzir de acordo com as necessidades da indústria açucareira, e a influência da Igreja Católica também foi decisiva para isso. Gerando assim uma troca de indígenas por escravos africanos, estes que já estavam acostumados a esse sistema capitalista.

Mesmo com a utilização negra para a plantation, não podemos considerar isso como padrão para toda a América portuguesa, já que no sul esse processo ocorreu de maneira diferente devido ao clima, onde ocorria o cultivo de gado, suíno, e a escravização era vista de maneira diferente das plantations nas regiões como Nordeste e Sudeste.

No Sul, o escravismo não foi igual e não jogou o mesmo papel que nas regiões das plantations de café e de açúcar. Uma série de causas impediu a construção de uma sociedade escravista nos moldes em que ela chegou a se sedimentar nas regiões do leste e do nordeste do Brasil. As causas mais importantes parecem guardar relação com uma fronteira tardiamente definida e sempre envolvida em guerras; com o tipo de firma escravista, seus concorrentes e o seu mercado específico; por fim, com a fraqueza relativa da classe dominante da região face às suas congêneres no País. (Targa, 1991, p. 446).

Além da mão de obra que era essencial para que iniciasse todo esse projeto agrícola, não podemos deixar de citar a estrutura que os alimentava, além da plantation, a agricultura de subsistência era fundamental para alimentar seus senhores, que comiam uma mesa farta, e seus escravos, que apesar de numerosos, se alimentavam com o de mais barato fosse possível.

2.1.2. Meios de produção e as formas de trabalho utilizadas pela indústria açucareira no Brasil Colonial

Os meios de trabalho e as técnicas que fizeram com que a *plantation* açucareira fosse um sucesso estrondoso durante o século XVI e XVII é muito interessante para o estudo da agricultura no Brasil. Analisando as técnicas utilizadas para o fabrico do açúcar e como trabalhava a mão de obra, em sua maioria formada por escravos negros, desde o canavial, passando pelo engenho, até o processo de encaixotamento para exportação do açúcar.

A pirâmide da sociedade açucareira colonial era dividida da seguinte maneira: os senhores de Engenho ficavam no topo, visando sempre obter o maior lucro possível, através da exportação, principalmente para a Europa, o grande comprador da época, tendo grande poder e status nessa sociedade, e abaixo dos senhores de engenhos, ficavam seus familiares e agregados. Gilberto Freyre (1969, p 22-3) A

sociedade colonial no Brasil, principalmente em Pernambuco e no Recôncavo da Bahia, desenvolveu-se patriarcal e aristocraticamente à sombra das grandes plantações de açúcar”. Consecutivamente, seus funcionários, que em geral era o capitão do mato e o feitor, cuja sua principal função era controlar a classe escravista e puni-las caso tentassem fugir ou desobedecer a qualquer ordem que lhes eram dadas. E abaixo de toda essa estrutura, vinham os escravos, onde alguns, que tinham facilidade com as técnicas do engenho, conseguiam algumas regalias, sendo considerado mestre do açúcar, já os outros tinham suas funções, fixas ou revezadas.

Sendo fundamental para a produção do açúcar, os escravos faziam todo o trabalho pesado, a plantação e a colheita do canavial, que ocorriam durante o dia, sendo as principais tarefas relacionam ao campo, já que existiam outras como as limpezas de plantas que prejudicariam a produção caso se alastrassem como a erva daninha, por exemplo, os trabalhos no engenho não paravam em nenhum instante, exceto quando ocorresse algum problema, ou para os reparos, e limpeza das moendas. Schwartz (1988, p. 97) descreve que “o trabalho em um engenho brasileiro era interrupto, sendo as tarefas pertinentes aos canaviais realizadas durante o dia e as atividades da moenda feitas a noite. A moenda ficava em funcionamento normalmente por dezoito a vinte horas, parando por apenas algumas horas para a limpeza do mecanismo.”

Sem mão de obra escrava a indústria açucareira não existiria, pois era necessária muita força física para o funcionamento dos engenhos, alguns engenhos baianos chegavam a ter mais de trezentos escravos, o tráfico negreiro era bastante utilizado na época. Se para Schwartz (1988) a agressividade de tribos nativas impedira o sucesso do desenvolvimento do fabrico de açúcar, para Simonsen (2005) ele foi grande responsável para que a montagem dos engenhos fosse de tamanho médio. Onde inicialmente se produzia acima de três mil arrobas por ano, e consecutivamente com o aumento da estrutura, passou-se a produzir mais de dez mil arrobas.

Percebendo que a utilização de indígenas como escravos não alavancaria a indústria açucareira, percebemos o equívoco dos colonizadores, em achar que esse processo ocorreria de forma natural como nas colônias africanas, a mão de obra dos índios foi útil para a exploração do pau-brasil, massa não tinha a mesma eficácia na agricultura. Os donatários quando tomavam posse de suas capitâneas hereditárias, tinha o direito de escravizar os nativos, porém ao perceberem a carência da produção indígena, eles se viram designados a comprar negros para a execução do trabalho.

Segundo Simonsen (2005) ao contrário dos engenhos de outras ilhas colonizadas pelos portugueses, o Brasil não pode construir engenhos de pequeno porte, pelo ambiente nada favorável em questão de ameaças dos nativos, sem esquecer que esse foi um dos motivos para a importação do trabalho escravo africano.

Outro fator que resultava em bastantes dificuldades para os escravos era o transporte das caixas de açúcar para o porto, já que geralmente os engenhos se localizavam nas matas próximos aos rios. Para a chegada do açúcar até o porto existiam dois métodos para a locomoção, um deles era o marítimo, onde os engenhos que ficavam em áreas litorais utilizavam esse meio, onde, em geral os escravos que faziam esse serviço, se colocavam as caixas em pequenos barcos e navegavam até o porto. Já para os engenhos distantes da zona litorânea, se usava carros de boi para o trajeto. Era necessária a mão de obra escrava em praticamente tudo para manter esse mercado funcionando no Brasil colonial.

O açúcar do Brasil colonial era reconhecido internacionalmente, e cobiçado por diversas potências econômicas da época, como as ocupações holandesas em 1621 na Bahia, onde os holandeses não obtiveram sucesso e foram rapidamente expulsos pelos colonos. E a outra invasão holandesa, ocorreu em Pernambuco no ano de 1630, dessa vez, bem sucedida, onde os holandeses conseguiram seu objetivo principal, que foi obter lucro com a indústria do açúcar. Mesmo com algumas revoltas da população devido aos altos impostos cobrados pela Holanda, eles ocuparam o território até 1654. De acordo com Marquese (2006) esse período de ocupação holandesa foi fundamental para o desenvolvimento do açúcar em outras áreas, onde houve uma transmissão das técnicas do fabrico do açúcar aprendido aqui pelos holandeses durante o período de ocupação na colônia de Portugal para as colônias inglesas e as francesas e com isso os números de escravos cresceram nessa região, pois era necessária uma mão de obra que suportasse fisicamente as necessidades para iniciar uma produção que daria início a um comércio açucareiro que competisse com as colônias portuguesas.

Esse núcleo formado pelos senhores de engenho sendo proprietário de um terreno, e sua mão de obra sendo totalmente escrava era natural no Brasil colonial, assim que a indústria do açúcar começou a deslanchar. Os proprietários levavam prejuízos caso alguma fermenta para o funcionamento estragasse, como a moenda, por exemplo. Além de imprevistos que ocorriam no funcionamento das máquinas, o calendário religioso os obrigava a parar o serviço na colheita às vezes. Esse era um ponto de discordância entre a igreja e os senhores, que obvio, criavam um jeito pra burlar essa lei e evitar que isso acontecesse. A importância em manter os engenhos em funcionamento era tão grande nesse processo de transformação da cana-de-açúcar em pães de açúcar que eram exportados para a Europa, que nem em caso de acidente com algum escravo o seu funcionamento era interrompido. Já que além de ser cansativo, ele colocava em risco o corpo do escravo por ser muito inseguro.

Os cativos realizavam um grande número de tarefas, sendo concentrados em sua maioria nos pesados trabalhos do campo. A situação de quem trabalhava na moenda, nas fornalhas e nas caldeiras podia ser pior. Não era incomum que escravos perdessem a mão ou o braço na moenda. Muitos observadores que escreveram sobre os engenhos brasileiros notaram a existência de um pé-de-cabra e uma machadinha próximos à moenda para, no caso de um escravo ser apanhado pelos tambores, estes serem separados e a mão ou braço amputado, salvando-se a máquina de maiores estragos. (FAUSTO, 1996, p. 48).

O sucesso da *plantation* no Nordeste é evidente, mas não é a única região específica que essa atividade se tornou lucrativa, na região Fluminense por exemplo, temos um reconhecimento grande por parte dos portugueses de que a produção era estrondosa, segundo Paranhos (2000) o vice-rei do Brasil pediu no ano de 1778 que os produtores de açúcar de Goytacazes, parassem sua fabricação, pois a maioria dos transportes estavam sendo deslocado para tal, e atrapalhava a capital, devido a limitação de cargas por viagem dos navios.

Esse sistema de patriarcado, onde o senhor controlava todas as ações em suas terras, foi mui eficaz no período colonial para seu enriquecimento através da produção do açúcar, mas suas influências, são bem mais profundas em nossa sociedade, de acordo com Freyre (1969), a população brasileira tem bases no sistema

da *plantation* brasileira colonial, onde o Brasil se formou como um país agrícola, enraizado em um sistema de exploração, formação genética híbrida, porém com preconceitos.

2.1.3. Escravizados e Homens Livres: mão de obra na indústria açucareira no Brasil Colonial

Com as dificuldades enfrentadas pela tentativa de escravizar os nativos durante a implantação das capitanias, a solução criada pelos colonizadores foi implantar o sistema de escravidão com a utilização de negros trazidos do continente africano para o Brasil colonial, com o passar dos anos ficou bem evidente o quanto o tráfico de escravos cresceu, principalmente pelo crescimento da população negra, sendo significativamente superior aos demais, principalmente se comparando aos números de trabalhadores livres que tinham funções bem específicas nas grandes fazendas produtoras de açúcar.

A mão de obra livre existia, ou por homens brancos que eram contratados pelos senhores para fazer algum trabalho técnico que determinada região não tinha pessoas capacitadas para fazê-lo. Apesar dos homens livres serem em sua maioria brancos, durante o período em que fomos colonizados pelos portugueses, existia homens pardos, mulatos e mestiços que eram livres.

De acordo com Fausto (1996) os homens livres faziam trabalho que necessitavam demais capacitação para as plantações canavieiras, como plantar mudas de cana-de-açúcar, ou comandar o processo de transformação do produto, como os senhores do açúcar. Vale ressaltar que não era necessariamente homens branco que faziam esses trabalhos, existiam muitos negros que aprendiam essas técnicas e a faziam. Schwartz (1988) relata casos em que o escravo tinha facilidades com as técnicas mais difíceis do fabrico do açúcar, e se tornava senhor do açúcar e se aproveitava dessa posição para conseguir privilégios que os outros escravos não tinham.

Por mais que o trabalho nos campos e nos engenhos feito pelos africanos negros, ou por pessoas com outro tom de pele, em grande parte livres tinham o mesmo valor, os negros sofriam todos os tipos de repressões possíveis, psicológicas, agressões físicas caso não cumprissem sua função determinada, levando chicotas e sendo ridicularizados, os senhores de engenho usavam de exemplo essas punições para que outros escravos não descumprissem suas ordens. Já os homens libertos que exerciam algum tipo de trabalho não recebiam esse tratamento.

A escravidão foi uma instituição nacional. Penetrou toda a sociedade, condicionando seu modo de agir e de pensar. O desejo de ser dono de escravos, o esforço por obtê-los ia da classe dominante ao modesto artesão branco das cidades. Houve senhores de engenho e proprietários de minas com centenas de escravos, pequenos lavradores com dois ou três, lares domésticos, nas cidades, com apenas um escravo. O preconceito contra o negro ultrapassou o fim da escravidão e chegou modificado a nossos dias. Até pelo menos a introdução em massa de trabalhadores europeus no centro-sul do Brasil, o trabalho manual foi socialmente desprezado como "coisa de negro". (FAUSTO, 1996, p. 41).

A diferença histórica e cultural, principalmente durante a escravidão no Brasil, que perdurou até 1889, entre negros e brancos é abissal. Ou seja, além de ser exaustivo prejudicial à saúde, o trabalho que resultou na maior obtenção de lucro

durante algumas décadas do século XVI e XVII não era tão valorizado como deveria, especificamente o trabalho escravo, onde sem essa farta produção dos africanos nos campos e engenhos, a produção açucareira não seria a mesma no Brasil colonial.

O período da plantation açucareira no Brasil é tão grande na história do Brasil, que a sociedade atual ainda se baseia naquele sistema, que teve seu auge durante o final do século XVI e XVII. Claro que a indústria nos dias atuais tem uma tecnologia baseada no eletrônico, a exportação do açúcar ocorre de forma mais dinâmica, e o mercado interno, também é um grande consumidor. Mas a estrutura, é claramente induzida aquele período em que os portugueses colonizaram o Brasil. Geralmente o cultivo de cana ocorre em grandes fazendas, o latifundiário, por sua maioria é o homem branco, obviamente, a escravidão foi abolida, hoje temos leis trabalhistas, porém, devido à falta de fiscalização, e a influência de grandes fazendeiros no trabalho dos fiscais, ainda vemos maus tratos a mão de obra que tanto o enriquece como descreve Novaes (2007,p.167-68):

Para se alimentar, pagavam R\$ 135,00/mês. Esse preço seria mantido sob uma condição: deveriam entregar para a pensão a cesta básica a que têm, mensalmente, direito. Mas, se perdessem um dia de trabalho, não recebiam a cesta básica. Nesse caso, o valor da pensão passava para R\$ 200,00/mês. Mas, com ou sem cesta básica, eles se queixaram da alimentação fornecida pela pensão, geralmente vinculada aos empreiteiros. Segundo eles, a carne de frango – que comiam todos os dias, por ser a mais barata – é “pobre em substância”. Com ela, quem trabalha no pesado no corte da cana não repõe as energias que o corpo perde. Em resumo: alimentação fraca, somada às exigências impostas pelo fiscal da turma, se traduz em cansaço, dores no corpo e da coluna, das câimbras e das tendinites.

Por mas que com o passar dos anos a relação de quem exerce o trabalho braçal na plantação do açúcar, e seu beneficiário, tenha mudado, porém, não podemos perder nosso olhar crítico sobre essa situação, pois toda essa estrutura social existente no Brasil, favoreceu a exploração de pessoas, mesmo que nos dias atuais ele ocorra de maneiras diferentes do período de colonização.

2.2. Metodologia

Para a descrição da *Plantation* açucareira no Brasil Colonial e seus modos de trabalho foi necessário explicar todo o meio social em que a produção da cana do açúcar estava inserida, sendo muito relevante para a história econômica do Brasil, ressaltando sua importância, especialmente na região do Nordeste. Para Schwartz (1988) a indústria açucareira no Brasil foi essencialmente importante para definir o estilo de vida de uma sociedade, principalmente as elites, influenciando em todas as áreas, politicamente e economicamente. Pois era o principal gerador de riquezas da região durante os séculos XVI e XVII.

Para a existência desse funcionamento, é necessária, obviamente a mão de obra. Por isso a importância de explicar os meios de trabalho, já que sem ele não existiria a produção do açúcar. De acordo com Fausto (1996) a produção do açúcar foi fundamental para dar início ao meio social e econômico da população nordestina, desde a escravidão dos índios mal sucedida, até a necessidade de importar

escravos africanos. Durante o domínio do açúcar na economia colonial brasileira, houve vários fatores que só ocorreram por causa desse sucesso açucareiro. Segundo Schwartz (1988) além de gerar mudanças na sociedade baiana, a cana-de-açúcar era fundamental para a regulação de preços de produtos, e em especial de escravos, já que de acordo com o crescimento das produções na região, se regulamentava a necessidade de compra e os preços dos escravizados.

Além da história econômica, podemos ressaltar a importância da história social do Brasil para a elaboração dessa pesquisa descritiva, já que muitos acontecimentos de hoje, se deve a fatos que ocorreram durante o período da *plantation*, como os motivos que levaram a população negra ser grande no Brasil, o porquê da cana-de-açúcar ainda ser cultivada em grande escala na região. Como retrata Ferreira Filho (2015, p. 8):

Pensar as terras de açúcar como um espaço transtemporal que integra elementos naturais e históricos é tomá-las, então, não como um simples constructo mental ou, seu avesso, um lócus onde as relações entre os homens se davam. A dimensão espacial da *plantation* impõe à sua análise um ponto de vista mais holístico, que incorpore tanto elementos físico-naturais, quanto estruturais e sociais. A partir desse espaço – ao mesmo tempo condição, meio e produto de sua própria existência – os engenhos se proliferaram enquanto domínios territoriais instituídos para, por meio do controle absoluto sobre os corpos, garantir lucros ao setor agroindustrial.

A metodologia traçada para a elaboração dessa pesquisa descritiva tem como objetivo demonstrar a importância da Plantation açucareira no Brasil colonial e tornar evidentes as formas de trabalhos que faziam essa produção canavieira funcionarem, demonstrando sua importância para fatores que existem na atualidade em regiões brasileiras devido a esse fenômeno histórico do nosso passado. De acordo com Chasin (2014, p. 44):

Os métodos, materiais e/ou equipamentos utilizados na realização do trabalho experimental devem ser descritos de forma precisa, tal que outros pesquisadores possam repetir os mesmos ensaios. Técnicas e processos já publicados devem ser apenas referidos por citação de seu autor, enquanto novas técnicas, modificações de técnicas consagradas e/ ou de equipamentos utilizados devem receber descrição detalhada. As marcas comerciais de equipamentos e materiais devem ser incluídas e podem aparecer no texto ou em nota de rodapé.

Todo o traçado da pesquisa feita de forma qualitativa teve como base fontes bibliográfico como principal, tendo livros e artigos acadêmicos de diferentes historiadores lidos e utilizados como base. Criando uma interação entre as ideias dos autores, procurando fazer uma análise das diferentes visões sobre o tema abordado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, apresenta-se as considerações finais a respeito da *plantation* açucareira no Brasil colonial, descrevendo sua importância para a sociedade brasileira, onde podemos adquirir mais conhecimento sobre o nosso passado, o

funcionamento social e econômico de um período, que para nós, pode parecer distante, mas suas marcas históricas deixadas em nosso meio de vida atual, é perceptível até hoje. Sua relevância não fica limitada aos nascidos em nossa nação, já que sua influência na época em que éramos colônia, influenciou todo o mundo, tanto América portuguesa, Europa, África, as Índias, grande mercado dos europeus na época.

Neste estudo conseguimos refletir sobre as formas de trabalho praticadas na *plantation*, desde o canavial, onde era plantada para cultivo e colheita. Em seguida a cana era levado para as moendas, movida geralmente pelos bois, dependendo da fazenda, existia moinhos movida a água, as vezes os próprios escravos que giravam o engenho que extraíam o caldo da cana. Em seguida o caldo era colocado nas caldeiras, onde era aquecido, depois para a casa das fornalhas, onde haviam grandes fornos, e transformava o produto em melaço de cana, e para se refino, a casa de purgar se encarregava dessa transformação final. Depois de embalados, os senhores de engenho se encarregavam das vendas.

4. REFERÊNCIAS

CHASIN, Alice A. da Matta. **MANUAL PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO**: São Paulo: Produção Editorial Estúdio Criativo Mercado Editorial, 2014. Disponível em: <https://www.oswaldocruz.br/Download/arquivos/manual_para_elaboracao_tcc.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

FAUSTO. Boris. **História do Brasil**. Edusp, 1996.

FERTIGI, André. MARTINS T. Jefferson. **REPRESENTAÇÕES DA ESCRAVIDÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO BRASIL**. UFSM, 2007.

FERREIRA FILHO. José Marcelo Marques. **A PLANTATION AÇUCAREIRA NO NORDESTE DO BRASIL E A CARTOGRAFIA MENTAL DOS TRABALHADORES NO MUNDO DOS ENGENHOS (PERNAMBUCO, SÉCULO XX)**: Florianópolis: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1442252616_ARQUIVO_ArtigoA NPUH-.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2019.

FREYRE. Gilberto. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro. 1. 14. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. São Paulo: **Novos estud.** - CEBRAP n. 74, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002006000100007>>. Acesso em: 03 set. 2019.

Novaes, José Roberto Pereira. **"Campeões de produtividade: dores e febres nos canaviais paulistas."** Estudos Avançados 21.59 (2007): 167-177. Acesso em: 07 nov. 2019.

PARANHOS, Paulo. **SÃO JOÃO DA BARRA, APOGEU E CRISE DO PORTO DO AÇÚCAR DO NORTE FLUMINENSE**. Teresópolis, (Teresópolis: Revista da Cidade Gráf. e Ed.), 2000.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835**. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1988.

SIMONSEN, Roberto C. **História econômica do Brasil: 1500-1820**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1111/749413.pdf?sequence=4>>. Acesso em: 01 set. 2019.

TARGA. Luiz Roberto P. **AS DIFERENÇAS ENTRE O ESCRAVISMO GAÚCHO E O DAS PLANTATIONS DO BRASIL — INCLUINDO NO QUE E POR QUE DISCORDAMOS DE F. H, C**. Porto Alegre, Ensaios FEE, 1991.